

Dia do Psicólogo

Porto Alegre:

23 de agosto, às 17h30

Conversando Sobre Avaliação Psicológica
Convidado: Ricardo Primi - presidente da Sociedade Brasileira de Avaliação Psicológica
PUC-RS Prédio 11 auditório (9º andar)

26 de agosto, às 19h30

Psicologia e Políticas Públicas
Lançamento do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas

Conferência com Heliana Conde coordenadora do curso de Especialização em Psicologia Jurídica da Uerj
Coral Tower Hotel / Salão Onix Av. Protásio Alves, 2699 Porto Alegre

27 de agosto, das 9h30 às 13h

A Profissão em Debate
Cine-fórum: Confidências muito íntimas (Confidences Trop Intimes, Patrice Leconte, França, 2004)

Debateras: Denise Hausen e Mary Georgina Boeira Mediadora: Bárbara Conte
Cine Guion R. Lima e Silva, 776

Pelotas:

19 de agosto, às 19h

Psicologia e Políticas Públicas - O protagonismo social dos psicólogos na atualidade
Painel com Maria Clara Salengue e Vera Pasini
Auditório Jandir Zanotelli - UCPel

Caxias do Sul

27 de agosto, das 9h30 às 12h

Psicanálise em Perguntas e Respostas: verdades, mitos e tabus
Conferência com David Zimerman psiquiatra e psicoterapeuta de grupos
Delphia Norton Hotel R. Ernesto Alves, 2083

Santa Cruz do Sul

26 de agosto, às 14h

Psicologia Hospitalar
Conferência com Ana Pitta psiquiatra, consultora do Ministério da Saúde, doutora em Saúde Mental
pela USP, professora da USP e UFBA
Unisc - auditório central

Santo Ângelo

26 de agosto, às 19h30

Intervenção em Psicologia e Políticas Públicas: implicação social do psicólogo



CONSELHO REGIONAL
DE PSICOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL

ENTRE LINHAS

Ano VI nº 30 setembro/outubro de 2005

Fronteiras permeáveis

Entrelinhas do corpo

Prestação de contas

De acordo com o princípio da transparência na gestão, apresentamos o balanço financeiro parcial do primeiro semestre de 2005.

Receitas

Receitas de Contribuição	1.515.251,60	91,60%
Receitas Patrimonial	61.705,22	3,73%
Receitas de Serviços	68.596,41	4,15%
Outras Receitas	8.741,09	0,53%
Receita Extra Orçamentária		

Total das Receitas Brutas	1.654.294,32	100,00%
----------------------------------	---------------------	----------------

Transferências (-)

Conselho Federal de Psicologia – Cota Parte	416.564,09	25,18%
Subvenções Sociais	2.000,00	0,12%

Total das Receitas Líquidas	1.235.730,23	74,70%
------------------------------------	---------------------	---------------

Despesas (-)

Pessoal, Encargos Trabalhistas e Diárias	187.395,32	11,33%
Materiais de Consumo	15.794,32	0,95%
Energia elétrica, telefonia, postagem e água	43.654,01	2,64%
Limpeza, segurança, manutenção	8.061,21	0,49%
Impressão Gráfica	24.700,63	1,49%
Transporte e Hospedagem	9.273,88	0,56%
Congresso, fóruns e eventos	31.246,15	1,89%
Serviços de Assessoria	89.927,08	5,44%
Aluguel, Condomínio e Locação	19.750,86	1,19%
Imposto, Taxa e Tarifas Bancárias	21.513,03	1,30%
Outras despesas	39.447,37	2,38%

Total das Despesas de Operações	490.763,86	29,67%
--	-------------------	---------------

Investimentos (-)

Instalações		0,16%
Máquinas e Utensílios Diversos	2.658,00	
Mobiliário em Geral		1,13%
Equipamentos de Informática	18.733,00	

Total dos Investimentos	21.391,00	
--------------------------------	------------------	--



expediente

Presidente: Neuz Gwareschi
Vice-presidente: Maria da Graça Jacques
Secretário: Jefferson de Souza Bernardes
Tesoureiro: Ari Gomes Pereira Jr.

Conselheiros
Adriana Martello
Bárbara Conte
Betina Hillesheim
Diego Villas-Bôas da Rocha
Eliana Gonçalves de Moura
Helena Beatriz Scarpato
Hélio Possamai
Kátia Bones Rocha
Lizete Ramos Dieguez
Nelson Eduardo Rivero
Raquel Conte Poletto
Silvana de Oliveira
Simone Maria Hüning
Vera Lúcia Pasini

Coordenação Editorial
Comissão de Comunicação: Jefferson de Souza Bernardes,
Silvana de Oliveira, Leticia Giannchini
Jornalista Responsável: Betânia Oliveira (Mtb/RS 9035)
Colaboraram nesta edição: Ana Lúcia Mandelli de Marsillac,
Vera Lúcia Pasini, Nelson Rivero
Agradecimentos: Paulo de Tarso Riccardi e Walter Firmo de
Oliveira Cruz
Projeto Gráfico: Verdi Design
Ilustração: Marsal Alves Branco
Impressão: Impresul
Tiragem: 11.000 exemplares
E-mail: jornal@crp07.org.br



CONSELHO REGIONAL
DE PSICOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL

Conselho Regional de Psicologia
do Rio Grande do Sul CRP-07

Sede:
Av. Osvaldo Aranha, 1423/102
CEP 90035-191 - Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3335-1838 e 3330-3458
E-mail: crp07@crp07.org.br
www.crp07.org.br

Seção Sul:
R. Félix da Cunha, 772/304
CEP 96010-000 - Pelotas/RS
Fone: (53) 227-4197
E-mail: crppelotas@terra.com.br

Seção Serra:
Av. Itália, 325/705
CEP 95010-260 - Caxias do Sul/RS
Fone: (54) 223-7848
E-mail: crpcaxias@terra.com.br

Cadastre-se no site para
receber informativos
eletrônicos do CRP-RS

Índice

Editorial	2
Prá Psis: Linhas políticas, entrelinhas do corpo	3
Capa: Fronteiras permeáveis	4
Debate	6
Eventos: Dia do Psicólogo	8
Agenda	8

Diálogo, transparência, diversidade e representatividade

Na última edição do EntreLinhas, anunciamos mudanças nas formas de comunicação do CRP-RS com a categoria. Deste então, vêm sendo desenvolvidas estratégias de aproximação e articulação deste Conselho com os psicólogos e com a sociedade. Inauguramos uma nova proposta de interlocução, visando à ampliação do diálogo e a constituição de redes a partir de um enfoque temático, efetivando o compromisso político assumido pela Gestão PRAPSIS.

A opção por um jornal temático busca contemplar assuntos e acontecimentos da sociedade implicados com a Psicologia como ciência e profissão. O corpo como superfície de inscrição de marcas identitárias e modos de subjetivação, atrelado às produções e contradições do mundo contemporâneo, demanda e torna-se alvo de saberes e intervenções do campo *psí*. Assim, apresenta-se como questão a ser problematizada, e foi escolhido para dar início a esta proposta de comunicação. Concomitantemente às mudanças do EntreLinhas, que se apresenta com novo projeto gráfico e editorial, o CRP-RS adotou uma identidade visual desenvolvida para transmitir movimento e processo e, a partir das cores, possibilitar identificação com o estado do Rio Grande do Sul.

Com estas ações, afirmamos os objetivos de contemplar a diversidade da profissão, a implicação da categoria com as políticas públicas, direitos humanos, formação e exercício profissional. Temos trabalhado para fortalecer e intensificar o diálogo com profissionais e entidades da Psicologia e com a sociedade. Para isso, estabelecemos parcerias com movimentos sociais, instituições formadoras e

outros conselhos regionais de Psicologia, participando de congressos e eventos, nos posicionando ativamente frente a questões como o Projeto de Lei do Ato Médico, a reformulação do Código de Ética, a Reforma Psiquiátrica, a avaliação psicológica, a Psicologia no trânsito, no sistema penitenciário, entre outros. Todas essas ações vão ao encontro das teses aprovadas no V Congresso Nacional de Psicologia, nos fazendo representar efetivamente junto ao Conselho Federal de Psicologia.

Estas ações vem sendo operacionalizadas seguindo a proposta desenvolvida no planejamento estratégico implementado pela Gestão PRAPSIS, para dar agilidade e efetividade às políticas do CRP-RS. Este programa prioriza a qualificação de aspectos como orientação e fiscalização, representatividade, estruturação e funcionamento do Conselho Regional de Psicologia, e fomento à participação de psicólogos do interior do Estado.

Paralelamente à reformulação do EntreLinhas, temos acionado outros recursos de comunicação, como o “Boletim Informativo Semanal” e o “CRP-RS Divulga” - que levam com rapidez informações a respeito de eventos que envolvem o campo da Psicologia e as atividades do CRP-RS, promovendo transparência nas ações.

É assim que a Gestão PRAPSIS, junto com a categoria, pretende marcar um novo lugar da Psicologia na sociedade.

Neuz Gwareschi
Presidente do CRP-RS

Prá Psis

Linhas políticas, entrelinhas do corpo

Re-inauguramos mais um veículo de comunicação com os(as) psicólogos(as): novo EntreLinhas, orientado para o diálogo sempre com um tema de interesse da categoria. Neste primeiro número da gestão PRAPSIS, o tema é o corpo, historicamente, centro das mais diversas atenções. Mesmo sendo desvalorizado, continuava ali, berrando, silenciosamente, não aceitando sua desvalorização. Não há como negar, nunca fomos indiferentes a ele. Tentamos de tudo, constituímos muitos processos de negações, distorções e inclusive destruições do corpo, mas ele insiste e continua ali, nos dizendo que abandoná-lo é mais difícil do que imaginamos. Prazeres, sentimentos, gozos, dores, sofrimentos... quanta coisa...

Em vários momentos deixado de lado, violentado, abandonado, esquecido, dilacerado e, ao mesmo tempo, disciplinado, controlado, manipulado, condicionado. O corpo também foi acusado de ser o centro das tentações e dos pecados. Para sua salvação, águas, óleos, jejuns e muitas penitências faziam parte (e ainda fazem) dos processos de purificação. A partir da Era Moderna, começa a ser construído um outro corpo, que não reina solitário em nosso cotidiano, ao contrário, se mescla aos anteriores. Entretanto, uma mudança em seu estatuto foi fundamental: em busca da verdade e da retidão modernas, o corpo se torna passível de erros. A disciplina do corpo transforma-se na principal estratégia para o nascedouro do pensamento científico moderno.

Presenciamos a fragmentação do sujeito, seu distanciamento da figura divina e da própria natureza (agora objeto de controle). Essas heranças cartesianas deixam suas marcas até hoje. Por exemplo, o corpo na Reforma Psiquiátrica: enclausurado, dilacerado, violentado. Quando o assunto é intervenção ou tratamento moral, a clausura do corpo é de nossas tradições mais antigas e revela o que há de pior no ser humano. O enclausuramento está presente não somente nos muros dos manicômios e hospitais psiquiátricos ou nos isolamentos individuais existentes, mas também nos químicos ou nos discursos que acusam exclusividade de responsabilidade para o sujeito (e seu corpo) ao seu próprio padecimento.

Há também o corpo das políticas públicas que, na maioria das vezes, transforma multidões em massas. Um aglomerado de pessoas disformes, sem rostos, sem marcas, sem histórias. Como diz Glória Leal, esse é o protótipo da morte. Afinal, morrer é se perder de sua própria história. Sujeito sem corpo, corpo sem sujeito, transformado em números, identificado por dados estatísticos, dispositivos técnicos de controle e de disciplina.



MARSAL

Por outro lado, não queremos o corpo tão venerado pelos meios de comunicação de massa. Esse corpo balão, artificialmente produzido, inflado e narcisicamente investido ao idolatramos imagens destituídas de história. Corpo vazio, sem potências, sem amor...

As questões que nos abrem são inumeráveis: Como devemos cuidar das crianças? Que comportamentos são normais e aceitáveis? O que esperar da enigmática adolescência? O que fazer com um corpo atravessado pela loucura? Se as pessoas se drogam, que destino deveriam ter? O que fazer com elas? E para as pessoas maltratadas, sejam as crianças, sejam os idosos, ou os que moram na rua? O que esperar da doença, da morte e do sofrimento? E da economia e da falta do pão de cada dia? O que se espera que a(s) psicologia(s) diga(m)?

São todos corpos, que vivem, gozam, sofrem, sobre os quais observamos, analisamos, compreendemos, tratamos e reabilitamos, esperando que sejam felizes. O campo do dever está vinculado ao ideal da aceitação e à prática de normas preexistentes, o que coloca o sujeito no lugar da conformidade e não da proposição e da criação de modos de ser e de viver.

Dessa forma, não assumimos nossa corporeidade, nossas dores, prazeres, ambigüidades, dúvidas... o que acaba por nos aprisionar com o que já está prescrito, escrito, dito. Assim, somente replicamos um determinado tipo de conhecimento psicológico, sendo que o pensamento produzido, na maioria das vezes, não dá conta das complexidades e dos contínuos movimentos da vida sobre a qual queremos intervir.

O Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul tem dialogado sobre as diversas questões que compõem o caleidoscópico universo de trabalho da Psicologia. A implicação ativa dos psicólogos na construção das linhas de ações políticas deste Conselho é um dos principais objetivos do grupo que compõe a PRAPSIS. É na convicção do que é potencializador e criativo, na existência da diversidade e da pluralidade, povoada de tensões, que se delineia como prioritária a produção da crítica de nossos posicionamentos. Afirmamos, portanto, o corpo dos Direitos Humanos: que deseja, ama, pensa criticamente, que é protagonista de sua história, que se transforma em sujeito. Sujeito de seus prazeres, suas marcas, desenhos e cicatrizes.

Fronteiras permeáveis

Quando falamos a palavra corpo, de um modo geral, nos remetemos à delimitação de espaços, a formas estáveis, instituição de fronteiras, até mesmo, ao conteúdo principal. Poderíamos pensar no corpo dos seres vivos, mas também no corpo da obra, corpo da Lei, corpo de artistas... Através do nosso corpo, podemos diferenciar com aparente facilidade o Eu do outro. Por outro lado, se formos nos deter ao tema do corpo, principalmente no que se refere ao corpo humano, chegaremos à conclusão de que ele nos pertence muito menos do que pensamos; quando supomos agarrá-lo, ele já não está mais lá. Como nos lembra Edith Derdyk, nosso corpo é mutante, embora, paradoxalmente, esteja sempre almejando uma forma estável.

Buscaremos refletir, então, sobre um corpo que se modela através das suas fronteiras, um corpo sujeito, intrincado com sua cultura, onde uma alteração em qualquer ponto transforma os demais. Podemos pensar, por exemplo, nas transformações que se deram no decorrer da história: nos costumes, nas formas de pensar, de perceber o mundo, que se refletiram diretamente no modo de experimentar o corpo. Os homens, que anteriormente supunham ser um corpo, tal como as demais obras divinas e sagradas, passam a ter um corpo, e assim tornou-se possível manipulá-lo das mais diversas formas.

O corpo, rapidamente, foi transformado em objeto na cena contemporânea, tornando-se



palco de inúmeras manipulações, não só da ciência, mas também dos interesses de mercado. Enquanto substrato estritamente genético e fisiológico, tornou-se previsível e manipulável, negando a singularidade e a multiplicidade que lhe constitui. Enquanto objeto de mercado, passou a ser consumido/investido na busca da imagem ideal, bela, saudável, jovem que supõe completá-lo.

Hoje em dia, o *aparecer* tornou-se sinônimo de *ser*. Cotidianamente, vemos na mídia estilos de vida associados a bens de consumo. Se, há pouco tempo, nos orientávamos por valores parentais que atravessavam as culturas por gerações, hoje temos visto, pelo contrário, o ingresso do homem na lógica da fluidez de valores, que parecem ter se transformado em mais um dos nossos bens passíveis de compra.

É um desafio refletir sobre a queda de muitos dos limites que, de certa forma, balizavam o que era possível. Certamente, não se trata de ficarmos em uma posição nostálgica, exigindo a volta das barreiras ou do patriarcado. Mas, ao mesmo tempo, devemos pensar em uma ética que nos conduza nessa “montanha russa da

modernidade”, já que seus efeitos não cessam de se apresentar nos extremismos corporais dos anoréxicos, nas toxicomanias e nas depressões, para citar alguns exemplos da nossa época.

A aposta na superação dos limites e na perfeição da forma é peculiar da lógica contemporânea. Aquilo que era um dos entraves à nossa tão sonhada felicidade plena, o real do corpo, que nos traz a doença, a finitude, a inadequação aos ideais de beleza de uma determinada época, fazendo obstáculo ao princípio do prazer, torna-se passível de inúmeras transformações. Exalta-se a potência humana e a imagem completa do eu, reforçando a alienação à lógica individualista em que estamos inseridos. Por outro lado, quanto mais se busca encobrir a falta que nos é constitutiva, mais frágeis nos tornamos. Permaneceremos, desta forma, impenetráveis pela matéria do mundo, presos à nossa individualidade, olhados, como fala Foucault, pelo “panóptico onividente”.

Somos remetidos a um ideal de corpo que se quer moldar, anestesiado pelo excesso de estímulos, reduzido ao individual, cerceado pelas fronteiras da civilização. Até hoje, sentimos o peso da moral sexual civilizada sobre nossos corpos, dividindo o sujeito e alienando-o daquilo que o anima. Entretanto, já não são mais necessários, como existiam na Idade Média, os “Guias de Viagens para o Inferno”, para “domar” os corpos, fazendo-os temer dos castigos a que seus corpos pecadores estavam destinados. Atualmente, vivemos guiados pelos “Guias do bem viver”. Viajamos por estradas já marcadas, crendo que somos livres para experimentar nossos corpos. Nossos guias atuais são mais sutis, porém muito mais cruéis, já que agora não é mais o inferno que nos vigia, é o próprio sujeito que passa a vigiar seu corpo permanentemente.

Nossas fronteiras já não se misturam, delimitamos até onde vai nosso corpo individual e procuramos, na medida do possível, manter distância do que é estranho a ele. Criamos categorias para os corpos, hierarquizamos e delimitamos lugares sociais: o corpo do pobre, sujo, promíscuo, aberto às intempéries do mundo; o corpo doente e o corpo do louco, dos quais devemos manter distância. Perdemos em grande parte nossa capacidade olfativa e assim já não nos confrontamos com os odores, que marcam a presença do outro. Resguardamos aos mortos as suas covas devidamente fechadas, para que não nos lembrem da nossa finitude. A beleza e a higiene tornaram-se nossos pontos de referência e, certamente, nossas grandes defesas ante o contato com o outro e à terrível ameaça que nos provoca.

“O nosso corpo mutante parece almejar uma forma estável que possa abrigar, mesmo que temporariamente, esta indeterminação pulsante, esta transformação incessante pela qual, milimetricamente, vivemos a vida toda”

Edith Derdyk, *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*, São Paulo, Escuta, 2001, p. 17.

Deparamo-nos, assim, com corpos que não se deixam afetar pelos detalhes da vida em função da pressa que os movem, “corpos camaleões e fluidos”. Sob uma pretensa singularidade que nos é vendida cotidianamente, vemos, contrariamente, uma massificação de valores. A imagem passa a garantir o lugar do corpo, já que a sustentação por uma ética não se faz presente. A esse corpo que devemos resistir, esse corpo que não compartilha as suas experiências, apenas exhibe seus méritos, não se deixando afetar pela incompletude que o constitui.

Entendemos que a singularidade do corpo não se constrói apenas pelas suas características biológicas, mas também pelos pequenos fragmentos da história, pelos olhares e falas que se endereçam a ele e que compartilha com os demais. Esse corpo nos leva ao seu mundo singular, onde a técnica não o explica e onde o individual não se afirma em detrimento do múltiplo. Não há como homogeneizar aquilo que é precioso por ser diverso. Atribuir ao corpo um lugar predeterminado é retirar a sua potência de vir a ser.

É justamente da incoerência do corpo que uma outra história pode vir à tona. Devemos buscar o corpo para além das aparências e das falsas totalizações. Frente ao repúdio do passado e da fluidez dos valores vazios de posições éticas, visualizamos “entre-lugares”, encontro com “o novo” que reconfigura, sem passividade e nostalgia, passado, presente e futuro. Trata-se de uma dimensão da experiência bem diferente da que governa a lógica contemporânea que evita deparar-se com a falta. É justamente a partir do encontro com esse estranho que podemos romper com as fronteiras que aprisionam o nosso devir, tornando-se impossível sustentar uma unidade que não há. Nesse sentido, falamos em fronteiras permeáveis, elas dizem de um corpo que se sensibiliza, sem apagar-se.

Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, psicóloga, mestre em Psicologia Social e Institucional pela Ufrgs.

